

**AS DIMENSÕES PEDAGÓGICA E EDUCATIVA DO “TRABALHO DE CAMPO”
REALIZADO EM ACAMPAMENTO E ASSENTAMENTO DA REFORMA
AGRÁRIA EM PROMISSÃO – SP**

Cláudio Rodrigues da Silva¹

Resumo

Nesta comunicação tem-se por objetivo principal apresentar resultados de estudos em andamento sobre impactos pedagógicos e educativos sobre estudantes participantes da atividade denominada “trabalho de campo”, vinculada à disciplina de Fundamentos da Geografia, do 2º ano do curso de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília. A maioria dos estudantes consultados avalia positivamente a atividade. No que se refere à dimensão pedagógica, a atividade proporciona aos estudantes, entre outras, oportunidade de primeiras aproximações com o trabalho empírico ou de campo. Quanto à dimensão educativa, essa atividade propicia oportunidade de contato *in loco* e sem intermediários com protagonistas da reforma agrária no Brasil, bem como de conhecimento ou de aprofundamento sobre essa importante questão social.

Palavras-chave: Educação; Trabalho de campo; Reforma Agrária.

Introdução

Nesta comunicação tem-se por objetivo apresentar, em caráter de ensaio, resultados de estudos em andamento sobre os impactos pedagógicos e educativos², sobre estudantes participantes da atividade denominada “*trabalho de campo*”³, vinculada oficialmente à disciplina de Fundamentos da Geografia, do 2º ano do curso de graduação em Ciências

¹ Graduando em Ciências Sociais e Mestrando em Educação; Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – *campus* de Marília – e-mail: silvanegrao@gmail.com

² A partir de formulação de Luzuriaga (1972), entende-se por dimensão pedagógica a parte mais relacionada à questão do ensino-e-aprendizagem ou à ciência da educação. Já a dimensão educativa extrapola a pedagógica propriamente dita, ou seja, vai para além dos aspectos cognitivos e acadêmicos, comumente entendidos e apresentados como o objetivo principal da educação escolar.

³ Doravante também apresentado como *trabalho* ou *atividade*, sempre destacados em itálico. Ressalta-se que atividade, neste texto, é utilizada no sentido comum, e não no sentido especificamente pedagógico ou filosófico, com ressalta Almeida (1996).

Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Marília.

Essa *atividade*, realizada anualmente, consiste em visita a acampamento e assentamento da reforma agrária, ambos no município de Promissão – SP. As edições de 2011 e 2012 dessa *atividade*, objetos de análise deste ensaio, foram realizadas no Assentamento “Reunidas” e no Acampamento “Augusto Boal”.

Durante o *trabalho de campo*, como parte das atividades pedagógicas oficiais, estudantes, comumente em grupos, entrevistam assentados e acampados sobre questões relacionadas, entre outras, ao cotidiano no assentamento ou no acampamento, sendo as temáticas móveis das entrevistas, bem como as formas de encaminhamento, previamente definidas pela docência e estudantes. Além disso, participam de atividades concebidas, programadas e executadas por assentados, em especial a apresentação da história do processo de conquista daquelas terras, por intermédio do projeto de reforma agrária. Têm também oportunidade de conhecer, entre outros, os lotes, bem como processos de produção dos assentados.

O *trabalho de campo* é realizado há anos. Entretanto, na edição de 2011 houve *interlocução*⁴ com a disciplina de Fundamentos da Antropologia, integrando, dessa forma, as atividades e o processo de avaliação também desta disciplina. Isso é importante ser ressaltado, haja vista que, nesse curso, a interlocução entre disciplinas, de maneira oficial e efetiva, não é praxe. Também não é praxe, durante o curso, a realização de atividades vinculadas às disciplinas fora dos ambientes da universidade⁵. Isso torna o *trabalho* duplamente importante para análise.

Objetivo

O objetivo principal deste estudo é analisar, na concepção discente, sem intenção de generalização, os impactos pedagógicos e educativos, sobre estudantes participantes, de atividade denominada *trabalho de campo*, vinculada oficialmente à disciplina de

⁴ A opção por utilizar *interlocução* – e não *interdisciplinaridade* – decorre do fato de que, ao menos por ora, não há intenção de aprofundamento desta questão especificamente, além de não haver dados e análises suficientes para utilização da segunda categoria, inclusive porque, partindo do entendimento de Fazenda (2003), interdisciplinaridade extrapolaria a aproximação de disciplinas.

⁵ Comumente a única atividade realizada fora dos ambientes da universidade são os estágios curriculares obrigatórios, no caso de estudantes que optam pela licenciatura. Assim, ocorrem não por iniciativa da docência ou da universidade, mas, por força da legislação.

Fundamentos da Geografia, do 2º ano do curso de graduação em Ciências Sociais da FFC – UNESP – Marília.

Com os dados obtidos pretende-se realizar um cotejamento – no que se refere a atividades *ditas*⁶ práticas e à questão da interdisciplinaridade – com documentos oficiais da Universidade e, principalmente, do Conselho de Curso, com vistas a propiciar subsídios para reflexões, tanto de discentes, quanto de docentes, sobre a atividade citada, o que pode resultar em possibilidades reflexões e intervenções também sobre aspectos pedagógicos e educativos relacionados a outras disciplinas e ao curso mencionado.

Metodologia

Os dados e análises apresentados são decorrentes de observação participante, entrevistas semiestruturadas e formulários respondidos por estudantes participantes do *trabalho de campo*, totalizando 13 pessoas, sendo 9 via formulários e 4 por intermédio de entrevistas. Entretanto, nesta comunicação, os excertos de respostas apresentados são referentes aos formulários apenas.

Os formulários foram entregues aos estudantes para resposta no ambiente da universidade, após a finalização da disciplina. Quanto às entrevistas, 2 foram realizadas no último dia e no local de realização da *atividade*; outras 2, no ambiente da universidade, ainda na mesma semana da execução do *trabalho*.

Não há intenção de generalização dos resultados, nem internamente, isto é, em relação ao próprio curso, menos ainda externamente, ou seja, para além do próprio curso.

A base principal para análise e cotejamento dos dados coletados empiricamente serão documentos oficiais relacionados ao curso – projeto político-pedagógico, ementas de disciplinas, informações na página oficial da Faculdade e da Universidade, materiais de divulgação (principalmente o Manual do Vestibulando da VUNESP), entre outros materiais. A partir desses documentos, pretende-se verificar se constam informações e, caso afirmativo, se o que o curso se propõe a realizar, em termos de atividades *ditas* práticas e interdisciplinaridade é realizado e, assim, proceder a um cotejamento entre o que é previsto (ou não) e o que é realizado (ou não).

As questões que compuseram os formulários e o roteiro de entrevistas foram as seguintes:

⁶ Ao menos por ora, não há intenção de adentrar ou aprofundar no debate sobre teoria e prática.

- 1- Qual a sua opinião sobre o trabalho de campo realizado pela disciplina de Fundamentos da Geografia? Por quê?
- 2- Quais os pontos negativos? Por quê?
- 3- Quais os pontos positivos? Por quê?
- 4- Qual a sua opinião sobre a interlocução, durante o trabalho de campo, entre as disciplinas de Fundamentos da Geografia e de Fundamentos da Antropologia? Por quê?
- 5- Quais os pontos negativos? Por quê?
- 6- Quais os pontos positivos? Por quê?
- 7- Você julga importante a realização de trabalhos de campo em outras disciplinas do curso de Ciências Sociais? Por quê?
- 8- Você julga possível um trabalho de campo envolvendo várias disciplinas do curso de Ciências Sociais? Por quê?

São apresentados, de forma literal, fragmentos ou respostas completas de alguns estudantes, mesmo porque, em sua ampla maioria, não há significativas discrepâncias, embora haja diferenças entre elas. As perguntas, ainda que apresentadas separadamente aos estudantes, estão relacionadas entre si, o que fez com que alguns estudantes, ao responderem algumas delas, contemplassem outras.

Resultados

Quando questionados sobre o *trabalho de campo*, em linhas gerais, os estudantes analisaram positivamente a *atividade*. Em respostas a diferentes perguntas, alguns estudantes ora deram maior ênfase à dimensão pedagógica da atividade, ora à dimensão educativa, porém, aqueles que enfatizaram a dimensão educativa majoritariamente destacaram também a dimensão pedagógica. Seguem algumas das respostas ⁷:

Além de ser uma [iniciativa] interessante, e bastante importante para a formação acadêmica, pois foi uma experiência de conhecimento de uma realidade um tanto velada para nós alunos urbanos. (ESTUDANTE 1)

Importante, pois assim temos contato com a prática, sobre o que estamos estudando. (ESTUDANTE 4)

Essencial para o curso de CS, já que é um curso que estuda os aspectos sociais. (ESTUDANTE 5)

[...] Fundamental, pois não ficamos só na teoria e conseguimos ver na realidade questões postas no nosso curso. (ESTUDANTE 7)

⁷ Os números informados nas respostas correspondem à numeração atribuída aleatoriamente aos estudantes participantes, quando da análise dos formulários.

[...] uma atividade muito importante para a nossa formação enquanto cientistas sociais. A considero desta forma, por tratar-se da primeira atividade empírica realizada após um ano e meio de curso. (ESTUDANTE 9)

Nessas respostas foi ressaltada a dimensão pedagógica. Nas seguintes, verificam-se apontamentos no sentido da dimensão educativa, extrapolando, assim, a dimensão pedagógica.

E no caso dos sem terra foi ótima a troca de experiências e a desconstrução de estereótipos criados pelas diversas mídias. (ESTUDANTE 2)

Foi uma experiência boa. É um trabalho muito importante, pois nos permite conhecer a verdadeira realidade do movimento dos sem terra. (ESTUDANTE 3)

Foi interessante no sentido da vivência apreendida durante o [trabalho] de campo, entender a luta dos integrantes do MST e até simpatizar pela causa. (ESTUDANTE 6)

[...] foi importante como forma de conhecermos a realidade da luta do MST e dos diversos indivíduos e suas famílias. [...] de certa forma, nos aprofundar na questão agrária que se apresenta tão distorcida nos meios de comunicação. (ESTUDANTE 8)

Quanto aos *pontos negativos* em relação ao *trabalho de campo*, com exceção de um estudante que fez referência a aspectos das atividades relacionadas ao processo de avaliação da disciplina, as demais respostas apontaram como aspecto negativo o *tempo* reduzido ou insuficiente para a realização da *atividade* no acampamento ou no assentamento, isto é, *em campo*.

Os apontamentos que ressaltam a questão do tempo talvez decorram de não compreensão, por parte de alguns estudantes, de que a proposta – ressaltada pelos docentes por diversas vezes durante aulas que precederam a *atividade* – do *trabalho de campo* não é realizar uma pesquisa, mas, sim, propiciar aos estudantes uma possibilidade de primeiras aproximações com o trabalho empírico, para além dos ambientes da universidade.

Quanto aos *pontos positivos* em relação ao *trabalho de campo*, seguem algumas das respostas:

Além de ser um trabalho coletivo (com a turma toda) todos os recursos, de estadia para a pesquisa e exploração do assentamento foram providos para uma primeira experiência de campo dos alunos. (ESTUDANTE 1)

[...] iniciativas como esta, tão importantes em outras disciplinas, e [que nas outras disciplinas] não se dão da mesma forma. (ESTUDANTE 8)

Esses estudantes destacaram mais a dimensão pedagógica do trabalho de campo, sendo que o estudante 1 – assim como o estudante 9, ao responder à primeira pergunta – ressalta que

se tratou da primeira experiência de campo até aquele momento do curso. As respostas seguintes destacam mais a dimensão educativa:

A troca de vivências. Os que viviam no assentamento e no acampamento estavam abertos ao diálogo facilitando assim a conversa. (ESTUDANTE 2)

O trabalho de campo inteiro foi muito positivo, principalmente o contato com os assentados. (ESTUDANTE 6)

A experiência, não só acadêmica, mas pessoal. (ESTUDANTE 7)

[...] o trabalho de campo foi a atividade com a qual [...] mais e melhor [...] pude aprender, conhecendo empiricamente sobre reforma agrária e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), rompendo com pré-noções e estereótipos. Foi positivo também conhecer pessoas tanto no acampamento quanto no assentamento e suas histórias de luta e resistência. (ESTUDANTE 9)

Questionados sobre a *interlocução*, durante o *trabalho de campo*, entre as disciplinas de Fundamentos da Geografia e de Fundamentos da Antropologia, os estudantes responderam que:

Estamos nos formando em um curso de Ciências Sociais e a interlocução entre as matérias é indispensável. A interlocução, na verdade, deveria ser entre todas as matérias do curso e não somente entre geografia e antropologia. Devido a especialização presente em nossa sociedade,⁸ é difícil fazer a interlocução, mas vejo essa dificuldade como algo produtivo e fundamental no curso. (ESTUDANTE 2)

Ótima, pois foram 2 visões sobre o trabalho de campo. (ESTUDANTE 4)

Sendo a Antropologia uma disciplina que abrange as culturas, essa é mais uma estrutura importante para compreender os aspectos sociais. (ESTUDANTE 5)

Importante [pois] [...] dá para relacionar as duas matérias. (ESTUDANTE 7)

Eu avalio como sendo boa a interlocução entre as disciplinas de Fundamentos de Geografia e de Antropologia durante o trabalho de campo. Principalmente no momento anterior a ida a campo, nas aulas em que trabalhamos os textos de Malinowski e Foote-Whyte sobre como fazer e as dificuldades do trabalho empírico. (ESTUDANTE 9)

Nessas respostas verifica-se a ênfase na dimensão pedagógica. Nas seguintes, constata-se maior ênfase à dimensão educativa:

Creio a interlocução entre as duas disciplinas como muito produtiva, considerando que o ambiente visitado pela sua idiossincrasia político-territorial e de ser um lugar onde as relações sociais ocorrem de forma diferente, tornou um terreno muito fértil para o trabalho nas duas disciplinas. (ESTUDANTE 1)

⁸ Estudante faz referência aos textos estudados, na disciplina de Fundamentos de Antropologia, com vistas especificamente ao *trabalho de campo*: de Bronislaw Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental*; de William Foote-White, *Treinando a observação participante*.

Acho fundamental que os estudantes saiam do espaço somente da universidade e conheçam as outras realidades que existem. (ESTUDANTE 3)

Durante a pesquisa de campo, as questões antropológicas e geográficas por muitas vezes se misturavam. Desta forma, sob meu ponto de vista, o conhecimento em campo se tornou mais enriquecedor. Questões como identidade, estereótipos entre outros, estavam diretamente ligados à questão da terra. (ESTUDANTE 8)

Para fins de ilustração, apresenta-se a resposta do único estudante que fez apontamentos em relação a *aspectos negativos* da *interlocação* entre as disciplinas mencionadas:

Acho que não me senti como uma ‘antropóloga’, indo p/ pesquisar⁹ algo, com um olhar neutro etc...; me pareceu como uma visita social ao invés de praticar as duas disciplinas. (ESTUDANTE 6)

Quanto aos *pontos negativos* da *interlocação* entre as disciplinas, a maioria não fez apontamentos. Dois estudantes ressaltaram o pouco tempo para a *atividade* e um estudante fez apontamentos quanto aos encaminhamentos da *atividade* em relação a uma das duas disciplinas.

Já o *ponto positivo* da *interlocação*, segundo a maioria dos estudantes, foi o “diálogo” entre as disciplinas.

Experiência [por] Perceber que dá certo juntar as duas matérias. (ESTUDANTE 7)

[...] um ponto positivo [...] desta interlocação [...] seria a percepção de que a separação de disciplinas que vemos no sistema educacional pode não se dar na prática, pois várias questões são interligadas e fazem parte de nosso cotidiano. (ESTUDANTE 8)

Pontos positivos: o diálogo entre as duas áreas de conhecimento. As orientações de como nos portarmos em campo, observar, entrevistar, vindas sobretudo da disciplina de Fundamentos de Antropologia foram de grande valia para o trabalho como um todo. (ESTUDANTE 9)

Quanto à *importância da realização* de trabalhos de campo em *outras disciplinas* desse curso de Ciências Sociais, todos os estudantes, responderam que sim. As duas primeiras respostas remetem ao aspecto pedagógico, enquanto a última abrange também o aspecto educativo.

Sim, é importante, porque nas ciências sociais, o curso é muito teórico, e dependendo da área que cada um vai seguir é bom ter alguma experiência ou prática. (ESTUDANTE 6)

⁹ Como já ressaltado, a proposta e a intenção docente em relação à *atividade* não era a realização de *pesquisa*, mas, sim, de propiciar oportunidade de primeiras aproximações, de maneira orientada, dos estudantes com o trabalho de campo.

Sim. Acredito que o papel do cientista social não é apenas teórico, deve ser também prático, empírico. A ida a campo durante a formação, por este motivo, é de extrema importância para a nossa formação. (ESTUDANTE 9)

Sim, o trabalho de campo entre outras disciplinas romperia, em certa medida, com as ‘fronteiras’ que separam a instituição acadêmica (a teoria) do mundo, da realidade que nos cerca e muitas vezes nos é desconhecida. (ESTUDANTE 8)

Entretanto, enquanto os demais aprovam incondicionalmente, um estudante apresenta ressalvas em relação à realização de trabalho de campo:

Sim, porém, deve-se considerar quais disciplinas. O fato de ir ao campo literalmente a fim de estudar as questões de aula, creio eu, devem estar condizentes com o tema estudado pela matéria, caso contrário ficará algo um tanto deslocado. (ESTUDANTE 1)

Em relação à possibilidade de trabalho de campo envolvendo várias disciplinas desse curso de Ciências Sociais, a maioria dos estudantes respondeu afirmativamente:

Claro, a disciplina de política, por exemplo, está bem relacionada ao tema, devido ao amplo estudo dos movimentos sociais. Embora exista a possibilidade de envolvimento com outras disciplinas, isso fica um tanto delicado, devido as particularidades destas. (ESTUDANTE 1)

Sim. Acho que um trabalho conjunto que envolva todas as áreas do curso é importante, já que as disciplinas têm uma ligação. (ESTUDANTE 3)

Sim. Seria bastante interessante um diálogo entre as diferentes disciplinas [...] há muitos pontos de convergência e uma tem muito a acrescentar a outra. [...] uma formação ampla e multidisciplinar ocorreria não apenas do ponto de vista teórico, como também empírico. (ESTUDANTE 9)

Nas respostas seguintes, um estudante apresentou ressalvas e outro julgou inviável a realização de trabalho de campo pelas demais disciplinas desse curso:

Sim, se conseguir que seja agradável e que seja levado a sério, tanto p/ quem coordena o trabalho de campo, quanto p/ o aluno. (ESTUDANTE 6)

Penso que o envolvimento de várias disciplinas em uma pesquisa¹⁰ de campo, seria inviável tendo em vista uma maior organização que esta necessitaria, apesar de [...] a separação de disciplinas serem formas de ‘arranjos’ institucionais para aplicação de conhecimento. (ESTUDANTE 8)

Dimensão educativa do *trabalho de campo* em relação à questão da terra no Brasil

A maioria dos estudantes pesquisados avaliou positivamente a *atividade*. No que se refere à dimensão pedagógica (enquanto ciência relacionada ao processo de ensino-aprendizagem), considera-se que a *atividade* proporciona oportunidade de primeiras

¹⁰ Talvez a formulação da pergunta não tenha deixado claro que não se trataria desse mesmo *trabalho de campo*, nem mesmo a interlocução de todas ou várias disciplinas do curso numa única atividade, o que parece inviável.

aproximações com o trabalho de campo ou empírico e possibilidades de análises ou aplicações de conteúdos relativos a esse curso de Ciências Sociais em suas diferentes áreas – antropologia, ciência política e sociologia.

Além da dimensão pedagógica, considera-se que essa *atividade* contribui também para a dimensão educativa (mais ampla e que incorpora a dimensão pedagógica), pois propicia a estudantes oportunidades de contato *in loco* e sem intermediários com protagonistas da reforma agrária no Brasil.

Isso porque, como relatou significativo número de estudantes, seja em sala de aula – antes e após a *atividade* –, seja durante o *trabalho de campo*, comumente o ponto de vista que sustentam em relação à reforma agrária e especialmente em relação ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é/era baseado em *notícias* veiculadas especialmente pelas grandes mídias, com destaque para emissoras de televisão aberta¹¹.

Após – ou mesmo durante – a *atividade*, de alguma forma, estudantes têm possibilidade de, com base no que viram, ouviram, *sentiram* e, até certo ponto, vivenciaram, tenham outros dados para confrontar com o que sabiam ou pensavam saber sobre questões envolvendo a reforma agrária, MST e outros movimentos de luta pela terra, inclusive.

Possibilita, ainda, adquirir ou aprofundar conhecimentos sobre a reforma agrária (história, dificuldades, potencialidades, resultados, perspectivas, entre outros) no Brasil, bem como conhecer alguns aspectos dos cotidianos de acampados e assentados.

Para Silva Júnior (1996, p. vii), “[...] espera-se ainda e principalmente que a universidade não se reduza à tarefa da formação profissional sem colocar em questão os rumos dessa formação e sem analisar criticamente as determinações que envolvem a formação pretendida e oferecida.” Portanto, nessa perspectiva, o compromisso da universidade vai para além do estritamente pedagógico.

Segundo Simonetti (2011, p. 7), “A demanda por terra dos Sem Terra e suas experiências realizadas nos acampamentos e assentamentos, clama por compreensão visto que nenhuma sociedade pode pensar em mudanças sem refletir profundamente sobre todos os seus segmentos sociais.”

Dessa forma, estudantes podem ter uma maior dimensão de um dos mais prementes problemas sociais brasileiros, qual seja, a questão do latifúndio, fator inclusive de concentração de renda e de entrave ao desenvolvimento sócio-político-econômico do país,

¹¹ Segundo Jezus (2010, p. 332), “[...] ideias reacionárias e conservadoras, que normalmente se opõem às propostas de reforma agrária e, muitas vezes, ainda criminalizam os legítimos movimentos sociais de luta pela terra, especialmente o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), prevalecem na mídia.”

entreve esse – como ressalta Stedile (2000) – “incompatível” com “democracia” e “justiça social”.

Considerações

Como ressaltado, o objetivo é apresentar opiniões de estudantes sobre o *trabalho de campo* e, com isso, propiciar dados para reflexões, por discentes e docentes, seja sobre disciplinas específicas, seja sobre o curso de graduação em Ciências Sociais da FFC – UNESP – Marília.

O *trabalho de campo* e a interlocução entre as disciplinas envolvidas foram, com algumas ressalvas – o que é comum e até mesmo salutar para fins de análises e adequações com vistas a seu aperfeiçoamento –, avaliados de maneira positiva pelos estudantes. Isso é um indicativo da pertinência ou necessidade da continuidade dessa *atividade* e, possivelmente, a execução de outras, com possível interlocução com outras disciplinas.

Alguns trabalhos e atividades vêm sendo realizados com vistas a analisar questões relacionadas ao curso de Ciências Sociais, mais especificamente do *campus* de Marília¹². Isso parece oportuno, se não necessário, uma vez que são raras as ocasiões em que docentes e discentes *dialogam* sobre as disciplinas e aspectos a elas atinentes – ementa, metodologias de ensino, critérios e formas de avaliação, bibliografias, entre outras atividades – e ao curso como um todo.

A (con)vivência e a observação livre, principalmente em sala de aula, permitem verificar indícios de dificuldades – manifestadas inclusive verbalmente por estudantes –, em relação ao acompanhamento do curso ou mais especificamente em relação a algumas disciplinas, especialmente entre estudantes dos primeiro e segundo anos. Todavia, estudantes em fase de finalização ou que já concluíram esse curso também relatam dificuldades de acompanhamento (com o devido aproveitamento) quando cursaram o primeiro e segundo anos, especialmente.

São, portanto, indicativos de dificuldades enfrentadas em relação às dinâmicas de determinadas disciplinas, mesmo porque, em dadas ocasiões, parecem necessárias ou oportunas algumas mediações, de forma que alguns estudantes consigam estabelecer relações entre as disciplinas e até mesmo com fatos e com a realidade social, sejam pretéritos, sejam

¹² Em atividade conjunta, que antecedeu o Fórum das Licenciaturas da UNESP, entre os cursos de Ciências Sociais da UNESP de Marília e de Araraquara, estudantes e professores analisaram alguns aspectos de ambos os cursos. Essa atividade aconteceu no *campus* de Marília, em 2011.

atuais. Importante ressaltar que, nem sempre e nem necessariamente, no processo de ensino-e-aprendizagem, algumas questões são resolvidas de forma espontânea e individualmente.

Dada a *interlocução* entre as disciplinas, verifica-se, inclusive com base em respostas de estudantes consultados, que a edição de 2011 do *trabalho de campo*, se comparada à edição de 2012¹³, propiciou maior aporte teórico e, em certa medida, prático aos estudantes, tanto para a realização de *trabalho de campo*, quanto para as atividades pedagógicas propriamente ditas, posteriormente. Isso pode ser um indicativo de que essa *atividade*, bem como a *interlocução* entre (as) disciplinas não devem ser interrompidas, mas, sim, mantidas, fortalecidas e, possivelmente, ampliadas.

Porém, sabe-se que, para a realização de atividades como essa, são demandados trabalhos e esforços extras, tanto de docentes, quanto de discentes, se comparados às demandas para aulas no formato habitual e preponderante nesse curso, qual seja, unicamente dentro da sala de aula ou no espaço do *campus* universitário e sem *interlocução* entre diferentes disciplinas do curso.

Entretanto, faz-se necessário reiterar que a posição expressa neste estudo por diversas razões, não pode ser generalizada e tomada como expressão da *vontade geral* dos estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais da FFC – UNESP – Marília.

¹³ Estudantes que participaram das edições de 2011 – que contou com a *interlocução* – e da edição de 2012, que não contou com a *interlocução* entre as duas disciplinas, quando questionados, informaram ser perceptível e significativa as diferenças decorrentes da falta de *interlocução*, tanto em relação ao próprio desempenho, quanto ao desempenho de outros estudantes. Isso porque, na edição de 2012, durante a disciplina de Fundamentos de Antropologia, houve uma preparação específica para a realização do *trabalho de campo*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luís Vieira de. As atividades de ensino: equívocos e perspectivas. In: UNESP. **V Circuito PROGRAD**: as atividades de seu curso atendem ao perfil do profissional a ser formado? São Paulo: UNESP PROGRAD, 1996. p. 3-12.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

JEZUS, Luiz Alberto de. A questão agrária no Brasil. In: MARQUES, Rosa Maria; FERREIRA, Mariana Ribeiro Jansen (Org.). **O Brasil sob a nova ordem**: a economia brasileira contemporânea: uma análise dos governos Collor a Lula. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 331-351.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da. Apresentação. In: UNESP. **V Circuito PROGRAD**: as atividades de seu curso atendem ao perfil do profissional a ser formado? São Paulo: UNESP PROGRAD, 1996. p. vii-viii.

SIMONETTI, Mirian Cláudia Lourenção. Apresentação. In: In: SIMONETTI, Mirian Cláudia Lourenção. (Org.). **Assentamentos rurais e cidadania**: a construção de novos espaços de vida. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 7-11.

STEDILE, João Pedro. A origem do latifúndio no Brasil. **Revista PUC Viva**, São Paulo, mar. 2000. Disponível em: <<http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-puc-viva/49-08-outros-500/1882-a-origem-do-latifundio-no-brasil>>. Acesso em: 11 ago. 2012.